Da “criança generalizada” ao “infantil singularizado”: nossa medida na ética

Lia Carneiro Silveira

Resumo

Este trabalho explora a expressão “criança generalizada”, utilizada por Lacan em seu texto “Alocução sobre as psicoses na infância”, articulando-a com alguns impasses da psicanálise na contemporaneidade. Partindo da noção de discurso com o aparelhamento do gozo pela linguagem, o texto examina como o discurso capitalista, associado aos avanços tecnocientíficos, por um lado, desmembra o corpo para fazer dele objeto de troca e, por outro, promove identificações imaginárias que mascaram a falta estrutural. A criança generalizada é um efeito dessa conjuntura, que deixa os sujeitos em uma posição objetificada em relação ao que interpreta do desejo do Outro, seja pela demanda de reconhecimento, seja pela adesão a significantes prontos oferecidos pelo mercado. Em contrapartida, o texto propõe o “infantil singularizado” como possibilidade de saída ética — não como retorno à infância, mas como delimitação, a partir de uma análise, daquilo que toca o real do sujeito em sua dimensão mais singular, permitindo o advento de um modo de vida que não se deixe colonizar pelos imperativos de gozo do capitalismo.

Palavras-chave:

Psicanálise; Criança generalizada; Singularidade; Ética; Discurso capitalista.

From the “generalized child” to the “singularized infantile”: our ethical measure

Abstract

This work explores the term “generalized child” used by Lacan in his text “Address on Childhood Psychoses,” connecting it with some contemporary impasses in psychoanalysis. Starting from the notion of discourse as the apparatus of jouissance through language, the text examines how capitalist discourse, associated with technoscientific advances, on one hand dismembers the body to turn it into an object of exchange, and on the other promotes imaginary identifications that mask structural lack. The generalized child is an effect of this conjuncture that leaves subjects in an objectified position

in relation to what they interpret from the Other's desire, whether through demands for recognition or adherence to ready-made signifiers offered by the market. In contrast, the text proposes the "singularized infantile" as a possibility for an ethical way out—not as a return to childhood, but as a delimitation of what escapes symbolic determinations and touches the real of the subject in its most singular dimension, allowing for the emergence of a way of life not colonized by capitalism's imperatives of jouissance.

Keywords:

Psychoanalysis; Generalized child; Singularity; Ethics; Capitalist discourse.

De la "niñez generalizada" al "infantil singularizado": nuestra medida en la ética

Resumen

Este trabajo explora el término "niñez generalizada" utilizado por Lacan en su texto "Alocución sobre las psicosis en la infancia", articulándolo con algunos impasses del psicoanálisis en la contemporaneidad. Partiendo de la noción de discurso como el aparataje del goce por el lenguaje, el texto examina cómo el discurso capitalista, asociado a los avances tecnocientíficos, por un lado desmiembra el cuerpo para convertirlo en objeto de intercambio y, por otro, promueve identificaciones imaginarias que enmascaran la falta estructural. La niñez generalizada es un efecto de esta coyuntura que deja a los sujetos en una posición objetivada en relación a lo que interpretan del deseo del Otro, ya sea a través de la demanda de reconocimiento, ya sea por la adhesión a significantes preestablecidos ofrecidos por el mercado. En contrapartida, el texto propone el "infantil singularizado" como posibilidad de una salida ética — no como retorno a la infancia, sino como delimitación de aquello que escapa a las determinaciones simbólicas y toca lo real del sujeto en su dimensión más singular, permitiendo el advenimiento de un modo de vida que no se deje colonizar por los imperativos de goce del capitalismo.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Niñez generalizada; Singularidad; Ética; Discurso capitalista.

De l'« enfant généralisé » au « infantile singularisé » : notre mesure en éthique

Résumé

Ce travail explore le terme « enfant généralisé » utilisé par Lacan dans son texte « Allocution sur les psychoses de l'enfance », en l'articulant avec certaines impasses de la

psychanalyse dans la contemporanéité. Partant de la notion de discours comme appareillage de la jouissance par le langage, le texte examine comment le discours capitaliste, associé aux avancées technoscientifiques, d'une part démembre le corps pour en faire un objet d'échange et, d'autre part, promeut des identifications imaginaires qui masquent le manque structurel. L'enfant généralisé est un effet de cette conjoncture qui place les sujets dans une position objectivée par rapport à ce qu'ils interprètent du désir de l'Autre, que ce soit à travers la demande de reconnaissance ou l'adhésion à des signifiants tout faits offerts par le marché. En contrepoint, le texte propose l'« infantile singularisé » comme possibilité d'une issue éthique — pas comme un retour à l'enfance, mais comme délimitation de ce qui échappe aux déterminations symboliques et touche au réel du sujet dans sa dimension la plus singulière, permettant l'avènement d'un mode de vie qui ne se laisse pas coloniser par les impératifs de jouissance du capitalisme.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Enfant généralisé ; Singularité ; Ethique ; Discours capitaliste.

À pequena Jade, que, enquanto eu escrevia este texto,
chegou para alegrar nossas vidas.

A "criança generalizada", o avanço técnico científico e o discurso capitalista

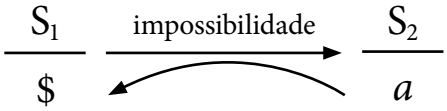
"Criança generalizada" é uma expressão empregada por Lacan (1967/2003) em *Alocução sobre as psicoses da infância* para designar um efeito decorrente do avanço tecnocientífico e de sua assimilação pelo discurso capitalista. Mas o que a posição psicótica, a ciência e o discurso capitalista teriam em comum? E o que permite a Lacan estabelecer tal articulação?

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer o que Lacan entende por discurso. Não se trata meramente de enunciados, como sugere o senso comum, mas do modo pelo qual a linguagem aparelha o gozo, ordenando-o em uma estrutura com lugares definidos: o agente (ou o semblante que comanda o discurso), o outro (destinatário do gozo), a verdade subjacente e o produto gerado — o *mais-de-gozar*. Lacan associa essa estrutura ao próprio laço social, afirmando: "O ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o húmus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar, com esse aparelho" (Lacan, 1969-1970/1992, p. 48).

O discurso do mestre, por exemplo, tem sua origem na inscrição de um significante primordial — aquele sob o qual o sujeito consente em se deixar representar. Esse processo funda-se em uma alienação estrutural: o significante (vindo do Outro) passa a representar o sujeito para outro significante. Nesse aparelhamento,

o significante-mestre (**S1**) ocupa a posição de semblante — isto é, opera como agente que direciona a cadeia em direção a um segundo significante (**S2**) —, enquanto a verdade do sujeito (sua divisão e castração) permanece velada, relegada ao espaço abaixo da barra. A estrutura desse discurso só se completa quando, pelo fracasso constitutivo do significante em apreender a coisa, a operação de dominação do mestre sobre o escravo produz um resto irredutível. Esse resíduo inscreve-se como perda (no matema, posicionado abaixo e à direita), mas uma perda que retorna na economia psíquica sob a forma do mais-de-gozo. Lacan formalizou esse resto com uma letra — **o objeto *a*** —, elevando-o ao estatuto de sua contribuição original à psicanálise (Lacan, 1969-1970/1992).

Figura 1. Matema do discurso do mestre.



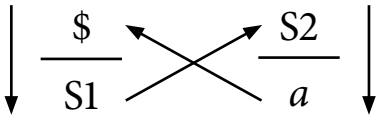
Fonte: Lacan, 1969-1970/1992.

Todo discurso é marcado por um ponto de fracasso, ou seja, pela impossibilidade de dominar completamente o gozo que pretende regular. O discurso do mestre, por exemplo, esbarra no impossível de governar, que Freud (1937/1190) já havia demarcado em "Análise terminável e interminável", juntamente com os impossíveis em jogo no ato de educar e de psicanalisar. Lacan vai ancorar cada um desses impossíveis em um discurso específico, situando-os respectivamente no discurso do mestre, no discurso universitário e no discurso do analista, e aos quais ele vai acrescentar mais um impossível: fazer desejar, característico do discurso histérico. Esses quatro modos de circunscrição do impossível apontam para o real lacaniano por excelência: a inexistência da relação sexual, condição dos seres sexuados submetidos à linguagem, aos quais é vedado o acesso a um gozo absoluto (Lacan, 1972-1973/1985).

Ocorre que, na sociedade atual, o discurso do mestre sofre uma torção e passa a conformar aquilo que Lacan (1972/1978) vai chamar de discurso capitalista. Sua particularidade reside precisamente na negação sistemática do impossível, na recusa a reconhecer a castração fundante que a linguagem impõe. Enquanto nos outros discursos o fracasso é admitido como limite estrutural, aqui ele é mascarado por uma lógica perversa: a relação entre agente e outro é substituída por um circuito de consumo, em que o sujeito ($), reduzido à condição de consumidor, é

confrontado com uma série interminável de objetos-*gadgets*, mercadorias oferecidas como supostamente podendo aplacar a falta.

Figura 2. Matema do discurso capitalista.



Fonte: Lacan, 1972/1978.

A alocução: entre a criança objeto de gozo do Outro e a apropriação do corpo como objeto de troca

Ao ser convidado por Maud Mannoni a se pronunciar sobre as psicoses infantis, Lacan recusa-se a assumir a posição do especialista em "infância". Em vez disso, faz uma alocução, traçando um paralelo entre a posição da criança tomada como objeto condensador de gozo da mãe e certo uso do corpo que a ciência vem se autorizando a fazer a partir do adágio liberalista "seu corpo é seu". Nesse paralelo, Lacan parece antever os desdobramentos extremos do discurso capitalista: sua capacidade de transformar até mesmo o corpo humano em mercadoria, desmembrando-o para fazer dele objeto de troca.

O que era uma intuição lacaniana em 1967 tornou-se a realidade gritante de nossa época. Assistimos hoje, por exemplo, à multiplicação de ofertas cirúrgicas que mutilam o corpo com a promessa de adequá-lo, seja a um padrão de beleza ideal, seja a uma conjunção que supostamente acomodaria os semblantes de gênero ao corpo sexuado. Sob o véu do empoderamento, opera-se uma inversão cruel: o sujeito é levado a acreditar que sua submissão aos imperativos do mercado corporal constitui um ato de emancipação. Trata-se de uma tentativa de suturar o insuturável, de eliminar os furos entre Real, Simbólico e Imaginário. Enquanto isso, o sujeito da ciência permanece alheio à verdade em jogo nesse processo, revelando a cumplicidade entre o discurso capitalista e a forclusão do sujeito.

O mais cruel nessa lógica reside em seu fracasso constitutivo: quanto mais o sujeito busca "adequar-se" por meio dessas modificações, mais radicalmente experimenta a hiância que há entre corpo e linguagem. As cicatrizes físicas tornam-se o testemunho silencioso dessa impossibilidade, marcas de um gozo que sempre escapa às tentativas de dominação técnica. Nesse sentido, o corpo mutilado contemporâneo transforma-se no sintoma social por excelência de nossa época — a encarnação material da recusa capitalista em reconhecer os limites estruturais do simbólico.